

ENTRE O SENSÍVEL E O MULTIMODAL: O PAPEL DA EDUCAÇÃO ESTÉTICA NO DESENVOLVIMENTO DE MULTILETRAMENTOS

BETWEEN THE SENSIBLE AND THE MULTIMODAL: THE ROLE OF AESTHETIC EDUCATION IN THE DEVELOPMENT OF MULTILITERACIES

Resumo: O presente artigo analisa a convergência entre a educação estética e os multiletramentos enquanto vetores de fomento aos processos de leitura e escrita. O objetivo é compreender como a intersecção entre a educação estética e as práticas de multiletramentos ampliam o repertório comunicativo e interpretativo dos estudantes, identificando o papel da experiência sensível como catalisadora da produção de significados em contextos multimodais. Caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, ancorada no aporte teórico de Freire (1986, 1993, 2008), Rojo e Barbosa (2015), Cosson (2021) e Gomes (2020). Os resultados sinalizam que a articulação entre o sensível e as múltiplas linguagens deve ser estimulada no cenário educacional, por viabilizar uma práxis pedagógica inclusiva, crítica e transformadora.

Palavras-chave: Educação estética. Multiletramentos. Multimodalidade.

Abstract: This article analyzes the convergence between aesthetic education and multiliteracies as vectors for fostering reading and writing processes. The objective is to understand how the intersection between aesthetic education and multiliteracy practices expands students' communicative and interpretive repertoire, identifying the role of sensory experience as a catalyst for meaning-making in multimodal contexts. It is characterized as a qualitative bibliographic research, anchored in the theoretical framework of Freire (1986, 1993, 2008), Rojo and Barbosa (2015), Cosson (2021), and Gomes (2020). The results indicate that the articulation between the sensory dimension and multiple languages should be encouraged in the educational setting, as it enables an inclusive, critical, and transformative pedagogical praxis.

Keywords: Aesthetic education. Multiliteracies. Multimodality.

Juceleide Borges Correia¹

Rozevania Valadares de M. César²

Rafaela Virgínia C. da Silva Costa³

1 Universidade Tiradentes;
mestranda em Educação;
coordenadora pedagógica da rede
municipal em Itapicuru-BA. E-mail:
pedagogia.borges@gmail.com.

2 Universidade Federal de Sergipe;
mestra em Educação; professora da
rede estadual em Tobias Barreto/SE
e municipal em Itapicuru-BA. E-
mail:
rozevaniavcesar@hotmail.com.

3 Universidade Federal de Sergipe;
mestra em Educação; professora da
rede estadual e municipal em Tobias
Barreto/SE. E-mail:
rafaela.vcsc@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A educação estética¹ é uma proposta que objetiva articular a experiência sensível ao processo de ensino e aprendizagem. Essa perspectiva fomenta, nos sujeitos, o cultivo da

sensibilidade e a busca pelo equilíbrio entre razão e emoção. Sua fundamentação reside no desenvolvimento da criatividade e do pensamento crítico por meio da apreciação e produção artística, contemplando domínios como música, dança, teatro e artes visuais. Ao

¹ O termo "educação estética" pode ter diferentes significados, dependendo do contexto em que é utilizado. Originalmente formulado por Friedrich Schiller no século XVIII, o conceito visava promover o convívio com a arte na educação de crianças e jovens, não se limitando apenas ao ambiente escolar. Em seu livro *A educação estética do homem*, escrito em forma de cartas, Schiller explora, em correspondência com o Príncipe de Augustemburg, a ideia de que o aprendizado por meio da estética pode contribuir para o aprimoramento do ser humano, começando pela esfera política (Trezzi, 2017).

potencializar habilidades artísticas, essa vertente estimula a reflexão sobre o mundo e a realidade, potencializando a formação de sujeitos conscientes, capazes de interpretar e externalizar suas experiências.

Os multiletramentos², por sua vez, referem-se à capacidade de compreender e produzir significados em uma variedade de textos e mídias, incluindo elementos visuais, sonoros e digitais. Segundo Silva (2024), os multiletramentos são práticas educacionais que ultrapassam o ensino formal, abrangem diversas linguagens e modos de representação. Dada a dinâmica da sociedade hiperconectada, em que a informação se manifesta por meio de diversas semioses em tempo real, o domínio desses letramentos torna-se uma exigência basilar.

A inserção da dimensão estética no cotidiano escolar potencializa e ressignifica o espaço de aprendizagem. Ao extrapolar os limites do ensino tradicional, essa vertente prioriza a subjetividade e a diversidade cultural. No contexto atual, marcado pela hibridização de linguagens, tal abordagem prepara o educando para atuar de forma ética e criativa, tornando-o apto a navegar em um mundo fluido e a exercer sua autonomia.

Freire (2023) argumenta que a construção da autonomia é fruto de um

exercício contínuo de tomadas de decisão, consolidando-se como um processo gradativo de amadurecimento do sujeito. Por não se tratar de um evento pontual, mas de um 'vir a ser' constante, a prática pedagógica deve priorizar vivências que incentivem a capacidade de escolha e o compromisso ético, fundamentando-se sempre no respeito à liberdade do educando.

Essa liberdade se revela quando os estudantes se envolvem em atividades artísticas que desenvolvem não só habilidades técnicas, mas também competências sociais e emocionais. A colaboração em projetos coletivos, por exemplo, fortalece a alteridade e a empatia. Essa interação fortalece a experiência escolar, estimula a autonomia e a autoconfiança dos alunos, permitindo que expressem suas opiniões e sentimentos. Além disso, ao explorar diferentes formas de arte, os estudantes têm a oportunidade de refletir sobre questões sociais, culturais e éticas.

A intersecção entre a educação estética e a cultura local revela-se um aspecto preponderante. Ao legitimar as expressões da comunidade, os discentes estabelecem uma ancoragem com suas raízes, consolidam a identidade cultural e o sentimento de pertencimento. Essa interação fomenta a dialogicidade entre a instituição escolar e o

² Segundo Rojo e Moura (2012, p. 15), “[...] o conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica”.

entorno social, viabilizando projetos que articulam saberes de artistas locais e eventos culturais, o que potencializa a coesão social e a salvaguarda do patrimônio cultural.

Por outro lado, a qualificação dos educadores é um elemento fundamental para a efetivação da educação estética no ambiente escolar. Essa perspectiva necessita de uma formação continuada que contemple tanto os aspectos teóricos quanto as aplicações práticas da educação estética. Ademais, a avaliação das ações pedagógicas deve considerar as experiências estéticas vivenciadas pelos alunos. Avaliar tão somente o produto final de uma atividade artística pode restringir a compreensão do processo de ensino e aprendizagem, limitando-se à apreciação do resultado final.

Apesar dos avanços teóricos sobre a multimodalidade no ensino, observa-se uma fragmentação nas práticas pedagógicas, que muitas vezes priorizam a decodificação técnica da informação em detrimento da percepção sensível. O problema reside na dificuldade de transpor a barreira de um ensino conteudista para uma prática que articule a subjetividade do estudante à compreensão das diversas semioses. Nesse cenário, o distanciamento entre a dimensão estética e os multiletramentos compromete a formação de um leitor que seja, simultaneamente, crítico e sensível às nuances das linguagens contemporâneas.

A relevância deste estudo fundamenta-se na necessidade de ressignificar o ambiente escolar diante de uma sociedade hiperconectada e visual. Justifica-se pela urgência em oferecer subsídios teóricos que legitimem a arte e a sensibilidade não como acessórios curriculares, mas como eixos centrais para o desenvolvimento da autonomia discente. Socialmente, a pesquisa contribui para a democratização do acesso a múltiplas linguagens; academicamente, preenche uma lacuna ao estabelecer diálogos interdisciplinares entre a estética freiriana e as novas teorias dos multiletramentos.

A partir do exposto, surge um questionamento: de que maneira a integração da educação estética nas práticas pedagógicas pode potencializar o desenvolvimento de multiletramentos em estudantes do ensino fundamental, de modo a viabilizar uma leitura de mundo que articule razão, emoção e criticidade? Para responder o questionamento tem-se como objetivo: compreender como a intersecção entre a educação estética e as práticas de multiletramentos ampliam o repertório comunicativo e interpretativo dos estudantes, identificando o papel da experiência sensível como catalisadora da produção de significados em contextos multimodais.

Optamos por conduzir uma pesquisa bibliográfica, dado que esta abrange a literatura disponível sobre o tema, incluindo publicações, livros, monografias, dissertações

e teses, conforme delineado por Lakatos e Marconi (2001). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizando-se pela ênfase na compreensão de fenômenos sociais e comportamentais a partir da perspectiva dos indivíduos. Esse procedimento permite analisar as experiências e as percepções de educadores e educandas em relação à integração da educação estética, possibilitando a identificação de padrões e nuances que podem não ser evidentes em investigações de caráter quantitativo.

Inicialmente, analisaremos a relação entre educação estética e multiletramentos no ensino fundamental. Em seguida, abordaremos as estratégias pedagógicas destinadas à integração da educação estética, com o objetivo de promover habilidades de leitura e escrita. Por fim, apresentaremos as considerações finais, ressaltando os principais resultados da pesquisa e suas implicações para a prática educativa.

RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO ESTÉTICA E MULTILETRAMENTOS

A educação estética é um processo que tem como propositura desenvolver a sensibilidade e a criatividade dos sujeitos por meio da interação com variadas formas de expressão artística. Não se limita ao ensino de técnicas artísticas, mas busca oportunizar experiências que estimulem a reflexão crítica e a apreciação estética. Por meio da educação

estética, é possível interpretar e valorizar as manifestações culturais e artísticas presentes na realidade.

Os multiletramentos referem-se à capacidade de compreender e produzir significados em diversas linguagens e mídias. A intersecção entre esses dois campos pode integrar práticas estéticas, onde os alunos são incentivados a explorar e criar conteúdo que dialogam com diferentes formatos e contextos. Isso desenvolve não só habilidades de leitura e escrita, mas também criatividade e pensamento crítico. Isso propicia um ambiente de aprendizagem dinâmico, onde os estudantes se tornam agentes ativos na construção do conhecimento.

Os multiletramentos, por sua vez, emergem como uma resposta às transformações sociais e tecnológicas da contemporaneidade, pois englobam tanto as práticas tradicionais de leitura e escrita quanto a compreensão de diferentes mídias, como imagens, sons e textos digitais. Nesse sentido, Rojo e Barbosa (2015, p. 135) destacam que

[...] as práticas de letramento contemporâneas envolvem, por um lado, a multiplicidade de linguagens, semioses e mídias implicadas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e, por outro, a pluralidade e diversidade cultural trazida pelos autores e leitores contemporâneos a essa criação de significação.

Assim, as práticas de letramento se manifestam por meio da interação de diversas

linguagens, semioses e mídias na construção de significados em textos multimodais. Por isso acreditamos que incorporar da educação estética e os multiletramentos no ensino fundamental pode ampliar o desenvolvimento de outras competências nos alunos. Essa estratégia ajuda a desenvolver o pensamento crítico e a criatividade, além de melhorar as habilidades de leitura e escrita em diferentes contextos. Ao estimular a exploração de diversas mídias e linguagens, os estudantes aprendem a expressar suas ideias, interpretar informações e ajustar suas habilidades, o que facilita a resolução de problemas.

Outra dimensão importante dessa integração é a empatia e o respeito à diversidade cultural. Ao se depararem com obras de diferentes contextos e estilos, os discentes têm a oportunidade de refletir sobre suas próprias identidades e as dos outros. Essa reflexão também estimula a curiosidade intelectual e encoraja os alunos a questionar e explorar temas relevantes, e contribuindo para a construção de um pensamento crítico. A utilização de metodologias ativas, por exemplo, pode ser uma estratégia para promover a integração da educação estética e dos multiletramentos. Essas metodologias incentivam o protagonismo dos alunos, permitindo que explorem, criem e reflitam sobre o conhecimento de forma colaborativa.

É importante destacar que o docente desempenha um papel fundamental na integração da educação estética e dos

multiletramentos, ao criar um ambiente que estimule a curiosidade e o engajamento dos alunos. Isso implica em selecionar conteúdos relevantes, utilizar recursos diversificados e promover discussões que valorizem as experiências e expressões dos estudantes. Nesse contexto, é possível transformar as aulas em um processo criativo, onde a aprendizagem se torna uma obra de arte, permitindo que os alunos explorem suas potencialidades (Freire, 2023).

Em face do exposto, é necessário considerar que ensinar vai além da transmissão de conteúdo. Trata-se de um processo que envolve reflexão e crítica sobre o que se ensina e como isso pode contribuir para a produção de conhecimento dos discentes. Essa interação não é mecânica; pelo contrário, é marcada pela curiosidade e pela busca de conhecimento, tanto por parte do educador quanto dos estudantes. Ao enfatizar que o ensino é um ato criador, Freire (1986), sugere que a educação deve estar enraizada na inovação e na reflexão. Essa postura pode inspirar os alunos a adotarem uma mentalidade investigativa, criando um ambiente de aprendizagem colaborativo, onde o conhecimento é construído coletivamente. Isso é fundamental para que:

[...] a partir do momento em que entramos na sala de aula, do momento que você diz aos alunos: ‘Olá, como vão?’ você inicia, necessariamente, um jogo estético. (...) Assim a educação é, simultaneamente, uma

determinada teoria do conhecimento posta em prática, um ato político e um ato estético (Freire; Shor, 1986, p. 146).

Esses “ingredientes” estão presentes na “receita” de uma educação voltada para a estética. Quando o professor, em suas aulas, incentiva a análise e a interpretação de obras de arte, potencializa o desenvolvimento de habilidades críticas nos estudantes. Essa capacidade analítica é basilar para a compreensão de textos e contextos diversos, além de viabilizar a formação de leitores e escritores conscientes e críticos. Dessa forma, a educação estética se revela como uma aliada na construção de multiletramentos, pois enriquece a experiência educativa e prepara os estudantes para interagir com o mundo ao seu redor.

As experiências práticas são fundamentais para a aplicação da relação entre educação estética e multiletramentos. Projetos que envolvem a criação de obras artísticas, a realização de exposições ou a produção de conteúdo multimídia possibilitam que os alunos experimentem diferentes formas de expressão. Essas atividades estimulam a criatividade e a prática de habilidades de leitura e escrita em contextos diversos.

De acordo com Rios (2003, p. 97), “[...] a sensibilidade e a criatividade não se restringem ao espaço da arte. Criar é algo interligado a viver no mundo humano. A estética é, na verdade, uma dimensão da existência, do agir humano.” Assim, criar se

torna uma expressão intrínseca à vida cotidiana, pois reflete a maneira como nos relacionamos com o mundo e com os outros. Essa compreensão ressalta a importância de integrar práticas estéticas no processo educativo, além de ajudar a conectar com a realidade, pois:

É preciso resgatar o sentido da razão que, como característica diferenciadora da humanidade, só ganha sua significação na articulação com todos os demais “instrumentos” com os quais o ser humano se relaciona com o mundo e com os outros – os sentidos, os sentimentos, a memória, a imaginação (Rios 2003, p. 45).

Em decorrência dessa perspectiva, enfatiza-se a importância de resgatar o papel da racionalidade como atributo inerente à humanidade, a qual assume significância plena quando articulada aos demais pilares da experiência humana, como os sentidos, a memória e a imaginação. Tal interconexão sugere que a razão não deve ser compreendida de forma isolada, mas como parte de um constructo integrativo capaz de expandir a compreensão do mundo. Ao amalgamar esses instrumentos, torna-se possível desenvolver percepções diferenciadas, propiciando um entendimento da realidade e das complexas relações humanas.

No que tange à construção do conhecimento, a interação revela-se imprescindível, pois permite que distintas perspectivas convirjam e se tensionem,

gerando um espaço fértil para a reflexão crítica. Ao estabelecer diálogos significativos, os sujeitos compartilham saberes e consolidam um ambiente colaborativo, no qual a empatia e a escuta ativa figuram como elementos basilares. Essa configuração dialógica impede a estagnação do pensamento, forçando o educando a confrontar o "outro" e, nesse processo, refinar seu próprio juízo crítico.

Tal dinâmica propicia a socialização de experiências, viabilizando a sedimentação do conhecimento de forma orgânica. Sob esse prisma, a interação amplia o horizonte compreensivo ao articular múltiplas vozes e subjetividades, transmutando a aprendizagem em um processo inclusivo e essencialmente dialógico. Depreende-se, portanto, que ao priorizar a interação, reconhece-se que a racionalidade — em simbiose com as dimensões sensível e emocional — consolida-se como o instrumental indispensável para a compreensão da condição humana.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA INTEGRAR A EDUCAÇÃO ESTÉTICA E DESENVOLVER HABILIDADES DE LEITURA E ESCRITA.

A educação estética, integrada às práticas pedagógicas, atua como agente catalisador na ressignificação do processo de ensino e aprendizagem. Ao incorporar a dimensão sensível ao cotidiano escolar,

institui-se um ambiente potencializado pela percepção crítica. A experiência estética configura-se como uma instância basilar de apreensão do real, uma vez que as percepções sensoriais, aliadas à subjetividade do observador, constituem a base da leitura de mundo. Nesse sentido, tal experiência viabiliza novas rotas epistemológicas, manifestando-se nas esferas científica, filosófica e artística (Betlinski, 2016, p. 121). Essa integração transcende o acúmulo de informações, impulsionando uma compreensão holística das múltiplas realidades contemporâneas.

A experiência estética na construção do conhecimento, pode ser um ponto de partida para a compreensão do mundo. Nossas percepções sensoriais, ao interagir com a realidade ao nosso redor, despertam emoções e sentimentos. Essa relação íntima entre percepção e emoção nos conecta ao presente, e nos impulsiona a explorar outras formas de saber, como as ciências, a filosofia e as artes. Ao valorizar a educação estética, adotamos uma perspectiva holística do processo de aprendizagem, estimulando a criatividade, o pensamento crítico e a empatia, de modo a preparar os indivíduos para uma compreensão do mundo ao seu redor. Nessa vertente, práticas pedagógicas baseadas na racionalidade estética viabilizam oportunidade de inovação, pois:

É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor

sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão de anticientífico. É preciso ousar para dizer cientificamente que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com nosso corpo inteiro. Com sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional (Freire, 1993, p. 10).

A perspectiva de Freire (1993) reitera a necessidade de integrar a afetividade e as emoções ao processo educativo, tensionando a visão tradicional que dicotomiza as dimensões cognitiva e emocional. O autor propõe um rompimento com o racionalismo estrito ao reconhecer que a aprendizagem não se circunscreve à razão, mas mobiliza a integralidade do sujeito, incluindo sentimentos, desejos e subjetividades. Tal integração viabiliza que os discentes estabeleçam conexões com o objeto do conhecimento e com seus pares.

Ao problematizar a separação entre razão e emoção, Freire (1993) instiga a reconfiguração das práticas pedagógicas, fomentando um ensino que contemple a totalidade humana. Por conseguinte, sua proposição teórica convoca a construção de um ambiente educacional humanizado, no qual a aprendizagem transmuta-se em uma experiência multidimensional e transformadora. Essa abordagem tanto qualifica o percurso educativo, quanto consolida a alteridade entre educadores e

estudantes, instituindo um espaço favorável ao desenvolvimento.

Para que as experiências assumam um caráter emancipador no processo de construção do conhecimento, faz-se necessário implementar metodologias disruptivas, a exemplo da utilização de obras de arte como disparadoras de atividades de leitura e escrita. Ao investigar pinturas, esculturas ou fotografias, os discentes exploram distintos contextos históricos e culturais, desenvolvendo uma compreensão fenomenológica do conteúdo. A partir dessa análise, é possível propor atividades de escrita criativa nas quais os estudantes tensionam narrativas ou poemas inspirados nas obras estudadas, fomentando a expressão pessoal e a reflexão crítica. Essa prática sustenta-se na premissa de que:

[...] a imaginação, como base de toda a atividade criadora, manifesta-se igualmente em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. Neste sentido, absolutamente tudo o que nos rodeia foi criado pela mão do homem, tudo no mundo da cultura, na medida em que se distingue do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana, baseando-se na imaginação (Vygotsky, 2009, p. 11).

Somado a isso, visando potencializar a capacidade imaginativa, emerge a viabilidade de incorporar práticas de dramatização e expressão teatral, que permitem aos discentes experienciar subjetividades e situações por

meio da corporeidade. A encenação de narrativas subsidia o aprimoramento da proficiência leitora, uma vez que a performance exige uma exegese do texto para sua efetiva transposição cênica. Sob essa ótica, a dramatização estimula a alteridade e a acuidade analítica — competências transversais e indispensáveis tanto para a decodificação quanto para a produção de sentidos na escrita.

De acordo com Gomes (2020, p. 17), “[...] encenar a leitura’ busca refletir e criar mecanismos sobre os possíveis usos do papel impresso em cena, a partir do estudo e da análise do enredo, das personagens e de suas respectivas falas”. Dito de outra forma, a prática de “encenar a leitura” transforma o ato de ler em uma experiência dinâmica e interativa, permitindo que os leitores se conectem com o texto impresso. Ao explorar o enredo, as personagens e suas falas, é possível tornar a leitura envolvente e estimular a interpretação e a criatividade.

As oficinas de criação literária também são possibilidades para integrar a estética na educação. Nesses espaços, os discentes podem experimentar diferentes gêneros literários, como contos, crônicas e poesias, para citar algumas situações. A prática da escrita criativa, aliada à discussão de obras literárias, contribui para o desenvolvimento de um olhar crítico e estético sobre a linguagem, permitindo que os alunos encontrem suas próprias vozes. Segundo

Cosson (2021a, p. 16), “A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana”. Essa singularidade permite que os indivíduos moldem realidades, expressem ideias e evoquem emoções. Incorporar a música no ambiente escolar pode ser outra estratégia.

A análise de letras de músicas, por exemplo, possibilita discutir temas sociais e emocionais, além de trabalhar com a interpretação de textos. Os alunos podem ser incentivados a compor suas próprias canções, o que não só melhora suas habilidades de escrita, mas também ajuda a expressar sentimentos e experiências de forma artística. Para Alencar e Lobo (2019), a música serve como um meio de reflexão na vida das pessoas, por ser um símbolo artístico e lúdico.

Logo, a musicalidade refina a percepção estética ao viabilizar a fruição de variadas manifestações expressivas. Ao perscrutar as composições, os estudantes desenvolvem acuidade crítica e interpretativa, explorando semioses, simbolismos e subjetividades que transcendem o código verbal. A música configura-se, outrossim, como repositório de identidades e contextos sociais, fomentando o reconhecimento da alteridade e a compreensão intercultural.

Nesse sentido, “A música, se constitui então como som e texto motivador, que atende

as mais diversas habilidades linguísticas, tais como: oralidade, audição e escrita, além de abordar os aspectos socioculturais brasileiro' (Alencar; Lobo, 2019, p. 19-20). Esse processo reitera o protagonismo subjetivo, permitindo que os discentes externalizem vivências e afetos, integrando-os organicamente ao ciclo da aprendizagem.

Além da música, a utilização de tecnologias digitais também ajuda no processo de integração da educação estética. Plataformas multimídia, como *blogs* e redes sociais, permitem que os alunos compartilhem suas produções artísticas e literárias. Essa interação tanto motiva como também os ensina sobre a responsabilidade e a ética na comunicação digital. Sobre isso, Kenski (2013, p. 61) ressalta que “[as] mudanças trazidas pelos meios digitais transformaram a nossa cultura.” Ou seja, os meios digitais transformam as práticas culturais e também moldam novas identidades e formas de interação, exigindo uma adaptação contínua a um cenário em constante mudança, tendo em vista que:

Durante os últimos 20 anos, temos vivenciado alterações significativas nas diferentes esferas da sociedade: no trabalho, no lazer, nos cuidados com a saúde, nos relacionamentos, nas comunicações etc. Todas essas mudanças são impulsionadas pelo mesmo fato gerador, ou seja, elas decorrem das inovações

tecnológicas digitais que se apresentam de forma cada vez mais veloz (Kenski, 2013, p. 61).

Plataformas de ensino online, aplicativos educacionais e recursos multimídia, devido a sua interatividade propiciam um ambiente dinâmico, que estimula a participação ativa dos discentes, e, além disso, facilitam o acesso a uma gama de informações e conteúdo, permitindo que a aprendizagem aconteça de maneira personalizada e no seu próprio ritmo. Além disso, a colaboração por meio de projetos em grupo e discussões em fóruns, prepara os discentes para interagir em um mundo cada vez mais conectado.

Nesse sentido, é necessário que os educadores saibam manusear os artefatos tecnológicos para integrá-los de maneira apropriada, garantindo que seu uso potencialize a aprendizagem e não se transforme em uma distração. Essa integração contribui para um ambiente de aprendizagem dinâmico, onde os estudantes podem desenvolver habilidades essenciais para a era digital.

Outra estratégia para trabalhar os multiletramentos é a criação de projetos interdisciplinares³, que conectam a arte à literatura e outras áreas do conhecimento. Por exemplo, um projeto sobre um determinado período histórico pode incluir a leitura de

³ Segundo Barbosa (2010, p. 17), o “[...] fundamento da interdisciplinaridade a ideia de totalidade, paulatinamente substituída pela ideia do inter-relacionamento do conhecimento: inter-relacionar as diversas disciplinas para atingir a compreensão orgânica do conhecimento [...]”.

obras literárias da época, análise de obras de arte e produção de textos que reflitam as vivências dos discentes. Desse modo, “[trabalhar] em sala de aula com multiletramentos permitirá que o aluno esteja imerso em vários tipos de códigos, podendo atuar em diversas práticas comunicativas e estabelecer interação social de forma complexa, autônoma e interdisciplinar (Santos; Pontes 2022, p. 05). Ao serem expostos a diferentes tipos de códigos, como textos visuais, digitais e sonoros, os estudantes desenvolvem práticas comunicativas, tornando-se mais autônomos e críticos.

A realização de feiras culturais e exposições configura-se como uma estratégia para integrar a estética à práxis educativa. Tais eventos oferecem o palco para a exteriorização de produções artísticas e literárias, consolidando o reconhecimento e a valorização do trabalho colaborativo. Além disso, a interação com a comunidade escolar durante essas feiras enriquece a experiência de aprendizagem e fortalece os laços sociais. Esses vínculos começam na sala de aula, quando o professor transforma o ambiente de aprendizagem em uma obra de arte.

Outro ponto que faz da educação um momento artístico é exatamente quando ela é, também, um ato de conhecimento. Conhecer, para mim, é algo de belo! Na medida em que conhecer é desvendar um objeto, o desvendamento dá “vida” ao objeto, chama-o para a

“vida”, e até mesmo lhe confere uma nova “vida”. Isto é uma tarefa artística, porque nosso conhecimento tem qualidade de dar vida, criando e animando os objetos enquanto estudamos (Freire, Shor, 1986, p. 145).

Os eventos como feiras culturais e exposições está na ideia de que a aprendizagem e a expressão artística se entrelaçam. Assim como o ato de conhecer dá vida aos objetos de estudo, as feiras culturais e exposições oferecem uma plataforma para que os alunos apresentem suas criações. Esses eventos permitem o compartilhamento de produções artísticas e literárias, assim como o conhecimento transforma e anima os objetos, a exposição das obras cria um diálogo entre os alunos e a comunidade. Ao vivenciar esse processo, os participantes passam a reconhecer a beleza do conhecimento, bem como experimentam a arte de forma colaborativa, fortalecem os laços sociais e ampliam a experiência educativa.

A eficácia das estratégias aqui propostas depende da qualificação do corpo docente. Lado a lado com essa formação, o monitoramento contínuo dos resultados obtidos no desenvolvimento da leitura e da escrita revela-se determinante. Conforme preconizam Conceição, César, Assis e Ferreira (2022), o papel da avaliação é oferecer um suporte diagnóstico que guie a prática pedagógica. Portanto, ao analisar os indicadores de avanço, o professor consegue reorientar suas ações, assegurando que a

dimensão estética cumpra seu papel na formação do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração da educação estética às práticas pedagógicas constitui o cerne das estratégias para potencializar o desenvolvimento dos multiletramentos no ensino fundamental. Ao consolidar um ensino pautado na dimensão sensível, o processo de aprendizagem se humaniza, bem como potencializa o repertório expressivo e interpretativo dos discentes. As discussões acerca dessa intersecção reiteram a relevância de uma formação que contemple as múltiplas linguagens e os contextos socioculturais que permeiam o cotidiano escolar. Essa pluralidade de referências viabiliza uma aprendizagem significativa, instrumentalizando os sujeitos para que atuem como leitores e escritores dotados de acuidade crítica e inventividade.

As estratégias pedagógicas propostas para integrar a educação estética nas aulas demonstram que é possível criar um ambiente de aprendizagem estimulante e colaborativo. Através da troca de práticas e da valorização das produções artísticas dos alunos, é possível fortalecer as habilidades de leitura e escrita e fomentar o senso de pertencimento e identidade. Portanto, ao investir na educação estética, estamos formando sujeitos proativos, bem como cidadãos conscientes. Essa

abordagem, portanto, deve ser priorizada nas políticas educacionais e na formação continuada dos educadores, a fim de tentar garantir que os estudantes tenham a oportunidade de desenvolver seu potencial.

Embora tragam muitos benefícios, a inclusão da educação estética e dos multiletramentos ainda encontra alguns obstáculos. Muitas vezes, a formação dos professores não abarca essas abordagens, o que dificulta sua aplicação na prática. Além disso, a resistência às mudanças nas formas de ensinar pode impedir o uso de metodologias que valorizem a conexão entre arte e linguagem. Por isso, para avançar nesse processo, é importante investir na formação contínua dos docentes e incentivar a socialização de experiências entre as escolas. Por fim, destacamos que futuras pesquisas podem investigar a integração da educação estética nas práticas pedagógicas, focando no desenvolvimento dos multiletramentos e no engajamento dos alunos. Além disso, explorar modelos de formação de educadores que incluam práticas estéticas de forma sistemática.

REFERÊNCIAS

ALENCAR Gabriella Lima de; LOBO, Tereza Raquel de Melo. A música como estratégia de ensino-aprendizagem motivadora no ensino de português língua estrangeira. In: **VII Simpósio Mundial De Estudos De Língua Portuguesa**, 7, 2019, Porto de Galinhas, p. 1623.

ALVARES, Sonia Carbonell. **Educação Estética para jovens e adultos**: a beleza no ensinar e no aprender. São Paulo: Cortez, 2010.

BETLINSKI, Carlos. **Notas sobre cinema e experiência de formação estética**. In: PUCCI, Bruno. et. al. A atualidade da Teoria Crítica na era global. São Paulo: Nankin, 2016.

CONCEIÇÃO. José Luís Monteiro; CÉSAR, Rozevania Valadares de Meneses.; ASSIS, Cristiane Pereira; FERREIRA, Fabrício Nicácio. Avaliação da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos -EJA: análise quali-quantitativa das produções científicas brasileiras entre 2016 a 2021. **Research, Society And Development**, v. 12, p. 1, 2023.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021a.

COSTA, Rafaela Virginia Correia da Silva. **Metodologias ativas nas práticas pedagógicas durante o ensino remoto emergencial**. 2022. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP**, v. 97, p. 534-551, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2023.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GOMES, André. Luís. **Encenar a leitura**: Relatos e procedimentos. In: GOMES, André Luís; DOS REIS, Maria da Glória Magalhães. **Encenar a Leitura: Relações Cênico-Midiáticas**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 13-27, 2020.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e tempo docente**. São Paulo: Papyrus, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

RIOS, Terezinha. Azerêdo. **Compreender e ensinar**: por uma docência da melhor qualidade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ROJO, Roxane Helena.; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012

ROJO, Roxane.; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodalidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SANTOS, Andréia Lourenço dos; Pontes, Verônica M.de Araújo. **Caminhos interdisciplinares na educação**: Refletindo os multiletramentos em cursos de Letras Português EAD no Estado do Rio Grande do Norte. In: Editora Poisson. (Org.). **Série Educar - Tecnologia**. 01ed.Belo Horizonte: Editora Poisson, 2020, v. 03, p. 07-14.

SILVA, Paulo Boa Sorte. **Inteligência Artificial, Linguagens e Educação**. 1. ed. Aracaju: EDIFS, 2024.

TREZZI, Clóvis. Estética e educação. **Criar Educação Revista do Programa de Pós-graduação em Educação UNESC**, v. 6, p. 1-9, 2017.

VYGOTSKY, Lev. Semenovith. **A imaginação e a criatividade na infância**. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.